



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
NÚCLEO DE ENSINO SUPERIOR DE MANACAPURU
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA**

JOSÉ VALDEMIR FERREIRA MISQUITA

O PRESÉPIO DE NAZARÉ NAS TERRAS MURA: UM ESTUDO ARQUEOLÓGICO
DOS ARTEFATOS DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ EM
MANACAPURU, AMAZONAS

Manacapuru-AM
2017



JOSÉ VALDEMIR FERREIRA MISQUITA

O PRESÉPIO DE NAZARÉ NAS TERRAS MURA: UM ESTUDO ARQUEOLÓGICO
DOS ARTEFATOS DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ EM
MANACAPURU, AMAZONAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito final para a conclusão do curso de
bacharelado em Arqueologia da Universidade do
Estado do Amazonas.

Orientador: Prof. Dr. Rhuan Carlos Lopes.

Manacapuru

2017

JOSÉ VALDEMIR FERREIRA MISQUITA

O PRESÉPIO DE NAZARÉ NAS TERRAS MURA: UM ESTUDO ARQUEOLÓGICO
DOS ARTEFATOS DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ EM
MANACAPURU, AMAZONAS

Manacapuru, ____ de _____ de 2017

Banca examinadora:

Prof^ª. M.Sc. Tallyta Suenny Araújo da Silva– Examinadora Externa

Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. Carlos Augusto da Silva– Examinador Interno

Universidade Federal do Amazonas/ Universidade do Estado do Amazonas

Prof^ª. M.Sc. Ivone Maria Amorin Bezerra– Examinadora Suplente

Universidade do Estado do Amazonas

Prof^ª. M.Sc. Antonia Damasceno Barbosa– Examinadora Suplente

Universidade Federal do Pará/ Universidade do Estado do Amazonas

Prof. Dr. Rhuan Carlos dos Santos Lopes – Orientador

Universidade do Estado do Amazonas

Aos meus Pais
A minha esposa Rosineia Ferreira Veríssimo
Ao meu filho Gabriel Veríssimo Misquita
Aos meus amigos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por ter me proporcionado saúde, coragem e disposição para a realização deste trabalho, que por sua vez me ajudou na obtenção de conhecimento.

Ao meu orientador Prof. Dr. Rhuan Lopes, pois, foi com muita sabedoria que me acompanhou e me ajudou com orientações fundamentais na construção desta monografia.

A todos os professores que compartilharam comigo o seu conhecimento, e me ajudaram no engrandecer da minha vida intelectual.

À Universidade do Estado do Amazonas e a todos os funcionários, na pessoa da Prof. Dr^a. Lúcia Puga, que diante das inúmeras dificuldades, esteve nos apoiando e nos motivando a continuar.

Aos colegas, companheiros e amigos, da turma que estiveram comigo durante esses quatros anos, lado a lado, em busca dessa vitória.

Ao meu filho Gabriel, por acreditar e confiar que eu superaria os momentos difíceis para vencer.

E carinhosamente quero agradecer de modo muito especial à minha querida esposa que esteve sempre me motivando, foi difícil, mas conseguir.

Obrigado a todos. Sem vocês não teria sido possível vencer mais essa etapa da minha vida.

“A igreja é o marco físico mais eloquente do projeto de catequese e colonização”.

Rosana Najjar (2011, p.76)

O PRESÉPIO DE NAZARÉ NAS TERRAS MURA: UM ESTUDO ARQUEOLÓGICO
DOS ARTEFATOS DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ EM
MANACAPURU, AMAZONAS

RESUMO: A presente pesquisa analisa a relação das pessoas com a Cultura Material existente na Igreja Nossa Senhora de Nazaré, em Manacapuru. Nesse estudo, apresentam-se os objetos existentes na igreja não somente como símbolos de uma religião, mas como artefatos históricos e arqueológicos, que fazem parte da vida religiosa dos moradores da localidade, os quais possuem uma relação de fé e respeito para com eles. A maioria dos artefatos foi trazida pelos europeus para a devoção do povo local e outros foram produzidos pelos próprios habitantes da cidade. Sabemos que estudos anteriores indicam que a presença religiosa nas Terras Mura foram sem dúvida contribuições que marcaram a identidade dos nativos em toda região, em particular na cultura e na religião. No entanto, os objetos introduzidos nos rituais religiosos, os quais passaram a fazer parte da devoção do povo, nos remetem a uma reflexão acerca dos mesmos. Assim como os demais produzidos pelos nativos e que passaram a fazer parte da religiosidade da população.

Palavras chave: Arqueologia Histórica, Cultura Material, Artefatos.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 - QUESTÕES CONCEITUAIS	14
1.1.Arqueologia Histórica.....	14
1.2. Arquitetura	16
1.3. Patrimônio Cultural.....	20
CAPÍTULO 2 - O Presépio de Nazaré: A história e cultura material da Igreja	24
2.1. Origem	24
2.2.Cultura material da Igreja: Fonte de pesquisa.....	28
2.3. Sino	30
2.4. Imagem de São Sebastião	32
2.5. Imagem de Nossa Senhora de Nazaré.....	34
2.6. Altar Canoa e simbolismo do presbitério.....	36
2.7. Relação das pessoas com os artefatos existentes na Igreja.....	39
2.8. Reflexões sobre o resultado da Pesquisa	44
CONCLUSÃO.....	46
REFERÊNCIAS	47

INTRODUÇÃO

A Arqueologia Histórica estuda as civilizações, suas heranças e suas modificações através do tempo, nas quais são constantemente influenciadas e modificadas pela globalização. A investigação dessas civilizações passadas vem sendo desenvolvidas em grande parte pelo estudo dos prédios antigos, estátuas, imagens e monumentos históricos, construídos, a décadas.

Com o acelerado processo de globalização em que o indivíduo é inserido em um ambiente de alta competitividade e seletividade faz necessário saber e entender a história de nossos antepassados, origem e evolução, para compreender melhor como a história das edificações foi construída e chegar, a grande importância do estudo da arqueologia histórica para a preservação de monumentos antigos.

Os desafios de se resgatar a história local se tornam cada vez mais difícil, pelo fato de que os artefatos se perdem com o tempo e com as reformas dos prédios, a falta de conhecimento de restauro também é um fator agravante para a destruição dos artefatos e monumentos.

A pesquisa tem como título “O Presépio de Nazaré nas Terras Mura: um estudo arqueológico dos artefatos da Igreja Nossa Senhora de Nazaré, em Manacapuru”, tem como objetivo geral entender a relação das pessoas com a cultura material existente na igreja, analisando as influências trazidas pelos europeus para a devoção do povo local. A fim de atender o objetivo geral, elencaram como específicos: identificar a cultura material existentes na igreja, como parte da cultura dos habitantes; descrever a origem dos artefatos e caracterizar a relação dos fiéis com a cultura material da igreja e suas modificações.

O estudo se justifica devido sua importância para o processo histórico da cidade de Manacapuru, assim como para a preservação do Patrimônio Cultural, entendimento do processo cultural e religioso dos povos, bem como a herança deixada pelas pessoas que por aqui existiram e os que passaram por essa região e deram sua contribuição para a formação da identidade local.

A presente pesquisa conta parte da história da Igreja desde a sua origem, dando ênfase aos traços europeus existentes dentro da igreja, que são os artefatos arqueológicos como as imagens de São Sebastião e Nossa Senhora de Nazaré, o sino principal e o Altar Canoa, caracterizando-os como símbolos devocionais, implicados no imaginário dos fiéis.

O estudo a ser apresentado foi dividido em dois capítulos: o primeiro é composto pelo conceito de Arqueologia Histórica, Arquitetura e Patrimônio Cultural, as quais são disciplinas agregadas à pesquisa desenvolvida.

No segundo capítulo encontra-se a História da Igreja, sua origem, a cultura material existente dentro da Igreja que é fonte de pesquisa, o sino, a imagem de São Sebastião, a Imagem de Nossa Senhora de Nazaré, o Altar Canoa, bem como o simbolismo do presbitério e a relação das pessoas com os artefatos existentes na Igreja, e também a metodologia, que foram os procedimentos pelos quais foi desenvolvida a referida pesquisa e o resultado da pesquisa.

Toda pesquisa que busca compreender melhor as causas e conseqüências de um determinado problema, e também a produção de conhecimentos que a mesma poderá oferecer, exige uma organização prévia de um projeto incluindo a metodologia de execução.

Ao longo deste estudo, foram cumpridas as seguintes etapas para a sua realização: levantamento e seleção da literatura, realização dos distintos procedimentos da leitura analítica e dos que se referem à elaboração da Monografia, prevendo o atingimento dos objetivos geral e específicos de uma forma clara e específica.

A natureza da pesquisa foi a qualitativa. Conforme Godoy (1995, p.62) ressalta a diversidade existente entre os trabalhos qualitativos e enumera um conjunto de características essenciais capazes de identificar uma pesquisa desse tipo, a saber: “O ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; Caráter descritivo; O significado que as pessoas dão as coisas e à sua vida como preocupação do investigador Enfoque indutivo”.

A expressão pesquisa qualitativa assume diferentes significados no campo das ciências sociais. Compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social trata se de reduzir a distância entre o indicado, entre teoria e dados, entre o contexto e ação (MAANEN, 1979, p.520).

Nesta pesquisa utilizou-se também a entrevista, com questionários, como destaca Fonseca (2008, p.113) “o questionário, por exemplo, é a forma mais usada para coletar dados, pois possibilita fazer mensurações (medir) com melhor exatidão o que se deseja”. Foi feito

entrevistas com os moradores mais antigos da cidade e que fizeram parte da História da igreja e dos artefatos. Fonseca (2008, p.110) diz que “pode-se considerar que a entrevista se constitui em um instrumento eficaz na escolha de dados fidedignos para elaboração de uma pesquisa”. Conforme os depoimentos coletados nas entrevistas e questionários buscou-se transcrever todos os dados e informações coletadas para então alcançar com melhor clareza exatidão o objetivo proposto.

O estudo utilizou como meios de investigação a pesquisa bibliográfica: o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros e redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral. Vergara (2007) pesquisa bibliográfica se dá quando o aluno utiliza documentos que passaram pelo processo de editoração.

Nesta pesquisa foi feito levantamento e seleção da literatura, realização dos distintos procedimentos da leitura para a elaboração da Monografia, prevendo alcançar os objetivos gerais e específicos de uma forma clara e específica e que possa atingir os diversos leitores que se interessarem.

Segundo Fachin (2001, p.27) “todo trabalho científico deve ser apreciado em procedimentos metodológicos, que conduzem a um modo no qual se realiza uma operação denominada conhecer, outra de agir e outra de fazer”.

Durante a análise foi realizado visita ao local de estudo. De acordo com Vergara (2007, p.47) “a pesquisa de campo é a investigação empírica realizada no local de trabalho onde ocorre ou ocorreu um fenômeno ou que dispões de elementos para explicá-lo”.

O universo desse trabalho é mostrar as influências culturais européias existentes dentro da igreja, bem como os objetos nativos que passaram a fazer parte da liturgia da igreja, buscou-se aprimorar bem os conhecimentos adquiridos no ambiente acadêmico e por em prática nessa pesquisa.

Para a conclusão da pesquisa, usou-se a pesquisa Descritiva. Para Vergara (2004), a pesquisa descritiva, expõe características de determinada população. Podendo estabelecer correlações entre variáveis e definir sua natureza.

A pesquisa ajudará na compreensão da temática, como afirma Fonseca (2008, p.95): “a pesquisa inicia com um problema, coleta fatos que são analisados criticamente e atinge decisões baseadas em evidências autênticas”.

O campo de pesquisa foi a Igreja Nossa Senhora de Nazaré no Município de Manacapuru, com a finalidade de identificar a cultura material existente na igreja e caracterizar a relação dos fiéis com esses artefatos, no sentido de produzir um conhecimento com maior qualidade, evidenciando os atores principais na construção da cidade de Manacapuru e oportunizando as novas gerações um conhecimento científico mais aprofundado da cultura do povo local. Através deste estudo será possível analisar a origem dos artefatos arqueológicos existentes na igreja, sua importância como cultura material e a relação deles com os moradores da cidade de Manacapuru.

A pesquisa contribuirá para uma visão mais ampliada sobre os artefatos da igreja e sua valorização como cultura material do povo local fazendo parte do Patrimônio Histórico e Cultural da cidade de Manacapuru, servirá também de base para a elaboração de novos estudos a serem desenvolvidos, principalmente para as novas gerações, tendo em vista, que, a cultura material e imaterial apresentada nos artefatos contém informações que podem revelar o modo de vida dos povos passados.

CAPÍTULO 1- QUESTÕES CONCEITUAIS

1.1. Arqueologia Histórica

A arqueologia histórica é uma disciplina que estuda a cultura material dos nossos antepassados, produzindo conhecimentos que contribuem para compreendermos o comportamento social das pessoas e saber a utilidade dos artefatos, frutos dos povos antigos. Para Najjar (2005, p.18) “é objetivo da arqueologia histórica conhecer através da cultura material, temas que a história, pelos seus próprios meios, não consegue acessar”. Sendo assim a arqueologia consegue resultados mais exatos em suas pesquisas.

A arquitetura ocidental chegou ao Brasil com a colonização européia, onde foi trazida a arte arquitetônica que até hoje devido a globalização pode ser modificada e estudada pela arqueologia histórica. As igrejas edificadas no início das cidades eram construídas com estilos construtivos oriundos das grandes capitais metropolitanas e assim herdando influências européias trazidas pelos portugueses e padres jesuítas que vinham nas caravanas com o intuito de catequizar os nativos da região.

Essas edificações em grande parte contavam com a mão de obra indígena e de pessoas que passaram a habitar aquela localidade. Muitas dessas construções não foram mantidas e preservadas e com as reformas perderam seus traços originais, assim como a sua história. Nesse contexto a arqueologia histórica busca entender esse passado.

Segundo Costa (2010, p.10):

“A abordagem da arqueologia histórica é conduzida até o nosso mundo contemporâneo como uma ferramenta de estudo da civilização ocidental moderna. Mundo moderno este que não é somente limitado por uma herança européia (sic), mas sim construído e modificado diariamente pela globalidade e multiplicidade de suas ações e reações.”

Nesse caso trata-se de algo além da visão, ou seja, aprofunda ainda mais o pesquisador histórico, no caso da cultura material, deixa de ser algo apenas visto, como também mostra possibilidades de estudos mais aprofundados.

Para Costa (2010, p.11) “Esta percepção faz com que a cultura material exerça um poder visual sobre seu interlocutor e também físico, de aproximação, e, no caso das edificações, até mesmo de imersão”. Os monumentos históricos, estátuas, imagens dentre outros vestígios arqueológicos são de grande relevância para o estudo das sociedades passadas. “A arqueologia histórica é um exercício de construção do passado, mas ao mesmo tempo é uma ferramenta de construção do presente” (COSTA, 2010, p.11). Para compreender melhor a forma de vida dos povos é necessário nos aproximarmos da cultura material em

estudos relacionados a monumentos históricos. Costa (2010, p. 11). Afirma que: “A cultura material é um elemento essencial em certos estudos, como por exemplo, o arquitetônico. Na pesquisa arquitetônica a observação do “concreto” em prédios, obras de arte, monumento é sem dúvida a melhor forma de se entender um estilo”. Sendo assim, a cultura material sempre vai estar ligada a arquitetura, pois é algo construído pelo homem.

As pesquisas mostram uma grande preocupação com relação ao estudo do patrimônio histórico, porém é preciso encontrar arqueólogos disponíveis para pesquisas, assim como selecionar projetos já elaborados para compreender melhor o processo de resgate histórico através da cultura material.

“sendo a arqueologia a disciplina que se propõe a recuperar e interpretar o passado e o patrimônio arqueológico a expressão materialização desse passado, cabe aos profissionais que à área se dedicam uma conscientização quanto aos usos políticos de seus objetos de estudos, uma avaliação quanto ao seu grau de envolvimento com os sistemas vigentes e uma reflexão quanto aos condicionamentos e influências determinados pelos seus próprios valores e ideologias, de modo a alcançar uma maior objetividade e conhecimento em seus resultados” (SCHMITZ, 1988, p.19).

As pesquisas existentes na área de monumentos arquitetônicos em nossa região amazônica ainda são poucas, principalmente com relação às igrejas, que podem ser consideradas como as edificações mais antigas. Se compararmos a existência delas aqui na Região Amazônica com outras regiões notará que não foi diferente, podemos constatar que as igrejas eram edificadas depois da existência dos aldeamentos.

“É necessário lembrar que a fundação de uma aldeia pelos jesuítas não se dava a partir da existência da igreja. Pelo contrário, era a partir da fundação da aldeia que os religiosos passavam a desenvolver atividades de catequese e somente a partir da conquista da confiança dos indígenas que se iniciavam a construção da igreja”. (NAJJAR, 2015, p.72).

As igrejas eram construídas no ponto mais alto das aldeias ou vilas, para não correr o risco de alagação e sempre de frente para o rio, podendo ser vista de longe, possuindo um marco único e exclusivo, a cruz, ou “cruzeiro”. Essas características podem ser verificadas sempre que chegamos a uma cidade de nossa região.

De acordo com Najjar, (2005, p. 20):

No caso das edificações muito antigas, como as dos primórdios da nossa colonização, normalmente não há registros históricos disponíveis que cubram toda a sua existência. Nessas situações, mas que nunca, a arqueologia se mostra uma ciência eficaz no trabalho de recuperação histórica, não só para suprir a ausência de

dados bibliográficos, mas também para dialogar com os poucos documentos escritos que existem.

A arqueologia da Arquitetura é uma disciplina nova que vem se firmando e sendo utilizada cada vez mais para análise e pesquisas dos monumentos, utilizando sempre técnicas rigorosas, aplicadas a construções históricas.

O estudo dessa disciplina permite analisar as estruturas dos edifícios. Conforme (Tirello, 2006, p. 1) “seus instrumentos principais de pesquisa estruturam-se em análise da estratigrafia murária (exploração em muitas direções) e exames micro analíticos, efetivamente pouco destrutivo ao corpo dos edifícios”. Com relação ao estudo da arquitetura podemos ver que, ao analisar os edifícios podemos interpretar os significados dos materiais e formas que ele possui, extraindo dele características particulares de uma sociedade. Para Najjar (2005, p.18) “as edificações são, assim, produtos e produtoras de relações sociais, as quais pretendem desvelar para melhor conhecer o bem que temos e o dever de preservar”. A arqueologia tem conduzido a obtenção de respostas e nos permitindo informações que buscam novas interpretações, segundo Albuquerque (1992, p.135) “sendo a sociedade o objetivo material de estudo da arqueologia, o entendimento da mesma deverá nortear as buscas arqueológicas”, esse estudo precisa ter como base os elementos materiais e culturais. Para Albuquerque (1992, p. 136) “um projeto de pesquisa arqueológica deve apresentar como preocupação primeira a explicação de problemas do ponto de vista científico”, porém, outros problemas relacionados a diversas disciplinas aparecem também no estudo da arqueologia.

Portanto é necessário na arqueologia história entender e esclarecer através dos artefatos a história dos ancestrais para que a população contemporânea possa usufruir também de alguma forma dessa herança material de seus antepassados.

1.2. Arquitetura

A arquitetura é antes de tudo, uma atividade humana multidisciplinar que inclui em sua base diversas disciplinas auxiliares, como a matemática, as ciências, a tecnologia, a história, a filosofia, entre outras, por isso ela é conhecida como uma atividade complexa. A definição da palavra Arquitetura no dicionário é “a arte e técnica de projetar e construir prédios e outras estruturas, modo de organizar-se; estruturação, disposição das partes ou elementos de um edifício ou espaço urbano; conjunto de obras de arquitetura de determinado

tempo ou espaço” (CEGALLA, 2005, 84). Porém com o passar do tempo outras informações foram introduzidas na definição da Arquitetura. Lúcio Costa (2002, p.21) define também como “construção concebida com o propósito de organizar plasticamente o espaço e os volumes decorrentes, em função de uma determinada época, de um determinado meio, de uma determinada técnica, de um determinado programa e de uma determinada intenção”. O autor faz a junção e afirma que arquitetura é tudo isso, é o espaço e tempo é arte e técnica é produto do meio e modificado através desse meio.

A arquitetura abrange um conjunto de conhecimentos que permite ao arquiteto idealizar de forma criativa espaços a serem construídos de maneira organizada. No conceito de Lewis Mumford (1968, p.114), “a arquitetura é o cenário permanente de uma cultura sobre o qual pode se representar o drama social com a mais completa ajuda dos autores”. As cenas desse drama real estão representadas nas edificações e monumentos arquitetônicos.

O fruto de uma indagação arqueológica se relaciona com o entendimento da sociedade estudada: “o edifício é visto como contexto arqueológico e analisado do ponto de vista da arqueologia” (SANTOS, 2013, p.01). Isso ajuda a entender e reconstituir a história dos prédios ou conjuntos edificadas, observando criteriosamente todas as possíveis informações com clareza, as idéias e características das sociedades passada e sua relação para o meio em que viveram, portanto, a essa disciplina tem se utilizado metodologias apropriadas e com o devido cuidado para não suprimir ou omitir a história dos artefatos ou super-artefatos pesquisados. Albuquerque (1992, p. 136) afirma que “a Arqueologia possui o objetivo primordial de entender e explicar uma sociedade através de elementos materiais, produto de suas atividades e das relações destes elementos entre si e com o seu meio ambiente”. A apreciação arqueológica na arquitetura da arquitetura é de fundamental importância para que se possa produzir conhecimento bem apurado do patrimônio cultural e material de um povo. Sendo assim, os métodos e técnicas precisam ser corretamente escolhidos pela disciplina da arqueologia da arquitetura nos estudos de um determinado edifício, ou bem arqueológica, pois ele tem a responsabilidade de evidenciar e zelar pela materialidade construída.

De Acordo com Santos (2009, p.15):

“Nas últimas décadas do sec. XX entre as várias arqueologias – de etnia, de classe, de gênero etc. – surgiram a arqueologia urbana e a arqueologia da arquitetura para tratar da materialidade construída, enquanto deixou de ser uma prática limitada ao passado distante e a recuperação de artefatos em escavação. No Brasil, uma das abordagens da arqueologia da arquitetura é conhecida como arqueologia da restauração, quando trata da arqueologia feita nos edifícios que sofrem intervenção para sua preservação.”

No Brasil essa prática de restauração de monumentos chegou muito antes de iniciar as pesquisas arqueológicas históricas. Segundo Albuquerque (1992, p.134) “a prática de restauração de monumentos no Brasil já contava com larga experiência quando se iniciavam as pesquisas arqueológicas históricas”. Essas restaurações eram feitas pelos arquitetos que sem ter material documental suficiente para identificar os traços da arquitetura original, muitas das vezes danificavam a estrutura dos prédios removendo o reboco atrás de indícios que os ajudassem a fazer um bom trabalho. Por conta dessas dificuldades.

“No começo da década de setenta tiveram início os estudos integrados da Arqueologia Histórica e Arquitetura voltada para a restauração de monumentos. Desse modo, foi elaborado um projeto de pesquisa arqueológica que objetivou o fornecimento de dados para um trabalho de restauração.” (ALBUQUERQUE, 1992, p.134)

A arqueologia da arquitetura possui diversas abordagens e uma delas é conhecida como a arqueologia da restauração, essa abordagem é aplicada quando a arqueologia é feita nos edifícios que sofrem intervenções, para que sejam preservados.

“A arqueologia da arquitetura é disciplina nova que vem se afirmando internacionalmente, em especial na Espanha e na Itália, com estudos aplicados na arquitetura medieval. Seus instrumentos principais de pesquisas estruturam-se na análise da estratigrafia muraria (exploradas em muitas direções) e exames micro analíticos, efetivamente pouco destrutivos ao corpo dos edifícios. Essa sistemática possibilita avaliações plurais do objeto, que em muito ultrapassam o simples reconhecimento de tipologia técnicas e construtivas para viabilizar a leitura e interpretação, também das funções e significados dos materiais e formas identificados nos edifícios antigos” (TIRELLO 2006, p. 1)

A arqueologia da arquitetura tem como instrumentos de pesquisa a análise estratigráfica, uma técnica que é aplicada com critérios minuciosos para não agredir a estrutura arquitetônica dos edifícios históricos. Tirello (2007, p. 151) “os métodos estratigráficos são excelentes para decodificar e ordenar diacronicamente a complexidade construtiva de edifícios históricos, o que os torna instrumentos de grande adequação e utilidade para a definição de projetos de restauro arquitetônico”, permitindo-nos decifrar toda e qualquer informação descrita em um processo de construção, ou seja, uma metodologia rigorosamente didática no desenvolvimento da pesquisa dos edifícios.

“Um projeto de arqueologia incluído em um projeto de restauração/conservação deve, portanto, buscar produzir dados relevantes que venham a deixar claro que uma edificação é um super-artefato construído pelo homem, que necessariamente, está inserido num dado tempo e espaço e deste modo carregado de valores e simbolismo.” (NAJJAR, 2005, p.20)

Os métodos e técnicas de pesquisas exigido nessa disciplina devem ser aplicados com todo o rigor necessário, tendo em vista que as mudanças feitas sem os critérios analíticos da arqueologia pode nos privar de conhecimento histórico, sócio econômico e cultural de um povo do passado.

Para Santos (2015, p. 70):

“Quanto mais detalhadas forem as análises efetuadas, mais preciso e completo será o modelo interpretativo final, que nos trará conhecimento acerca da população que construiu o nosso objeto de análise, que ali habitou ou que dele usufruiu, que ali operou modificações e transformações.”

Nesse sentido a arqueologia da arquitetura se utiliza dedados novos para efetuar análise para a efetivação do conhecimento social e cultural em um determinado espaço geográfico ou áreas internas e externas, portanto, sua finalidade e objetivo, é compreender a cultura e o processo de construção da edificação ou edifícios.

Albuquerque (1992, p. 150) afirma que:

“O estudo dos edifícios de interesse histórico-cultural, na perspectiva da arqueologia da arquitetura, mas que instrumentalizar profissionais para o seu restauro, deve prestar-se à efetiva ampliação dos conhecimentos estudados. Define-se e orienta-se por uma série de procedimentos encadeados: leituras de documentos tradicionais, exames empíricos de campo, levantamentos métricos minuciosos, estudos de técnicas construtivas e artísticas- artesanais análises dos sistemas de construção e materiais constitutivos, característicos, diagnósticos do tipo de degradação e, também, quando necessários, por exames efetuados com instrumentos de precisão.”

Tendo em vista a necessidade de ampliação destes conhecimentos científicos, é possível compreender que, para obter resultados concretos nos estudos das edificações, a arqueologia da arquitetura exige do pesquisador um aprofundamento de conhecimentos técnicos, práticos e também teóricos no sentido de impetrar e produzir conhecimentos bem elaborados.

Conforme Tirello (2007, p.151)

“[...] no contexto da arqueologia da arquitetura fragmentos minúsculos, texturas e cores diferenciadas podem se construir em indicadores temporais que, revelando as evidencia do passado, permite-nos leitura interpretativa dos processos construtivos antigos, entre outros aspectos relevantes, tais como morfologias e ambiências constituídas.”

Esses fragmentos podem aparentar sem valor para quem não conhece, mas são importantes na interpretação do passado e ajuda a analisar a desvendar vivências e experiências de sociedades que estiveram presentes há muito tempo atrás. Essa experiência

cultura contribui para os povos contemporâneos, na elaboração de projetos, assim como, no desenvolvimento de técnicas e práticas de construção desenvolvida ainda nos dias de hoje.

Um exemplo de projeto de pesquisa arquitetônica no Brasil é o de Najjar (2011), no qual ela desenvolveu um projeto sobre a edificação de três igrejas no Brasil, evidenciando o modelo de ocupação jesuítica portuguesa, a qual considera que independente do estado em que se encontra a edificação, carrega em si valores simbólicos. Em sua pesquisa a autora faz uma análise da espacialidade dessas igrejas e descreve a intenção do projeto jesuítico, relacionando-o com as mudanças ocorridas na arquitetura religiosa.

Podemos observar no projeto de Najjar que ela menciona a igreja como um centro religioso e político dos aldeamentos jesuíticos no litoral. No entanto ela conclui que foi identificado nas igrejas estudadas influência de um partido arquitetônico que, existia séculos antes da chegada dos portugueses em nossas terras e que, sofreu ajustes regionais pelos arquitetos portugueses, ganhando ares de arquitetura com influência vernacular antes de aportar em nossas terras. Portanto, mesmo sendo trazidas influências para a construção das igrejas as mesmas foram adaptadas a realidade do local

Deste modo, dentre as diversas especialidades da arqueologia, nos estudos de arqueologia da arquitetura existe esse agregado de procedimentos ao qual requer um determinado conhecimento assim como dedicação e tempo disponível para a produção de conhecimento.

1.3. Patrimônio Cultural

Patrimônio é todo conhecimento que uma sociedade possui, sua memória, sua identidade, é a herança passada de geração em geração e manifestada nas diversas áreas de conhecimento, como na ciência, na religião, na arte e também nas relações diárias de um povo e expressada de diversas formas e teorias. Para Santos (2001, p.43), “O Patrimônio cultural está historicamente associado à noção do sagrado, ou à noção de herança, de memória do indivíduo, de bens de família”. O patrimônio Cultural pode ser caracterizado como um conjunto de todos os bens, relacionados aos conhecimentos de uma sociedade como manifestações populares, cultos e tradições. Barreto (2000, p.11), conceitua patrimônio cultural como “o conjunto de todos os utensílios, hábitos, usos e costumes, crenças e forma de vida cotidiana de todos os segmentos que compuseram e compõe a sociedade”. Ele representa a identidade de um povo, transmitido por seus antepassados a sociedade contemporânea e explícita nos seus artefatos.

Neste sentido, é compreensivo que as normas de preservação tenham sido elaboradas dando total reconhecimento da importância e memória dos povos antigos e suas contribuições para a formação das sociedades atuais, tendo como forma de ação a caracterização do patrimônio cultural e sua descrição em lei como bem está escrito na Constituição federal de 1988, Art. 216 que define como patrimônio cultural brasileiro:

Art. 216º - constituem patrimônio cultural brasileiro, os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formados da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artesanais e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artísticas, culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

O poder público tem o dever de proteger esses patrimônios públicos por meio de registros, inventários, vigilância, desapropriação entre outras formas de preservação. Conforme Santos (2001, p.43), “se esse patrimônio, que é de todos, deve ser preservado, é preciso estabelecer seus limites físicos e conceituais, as regras e as leis para que isso aconteça”, e para assegurar a sua preservação o Estado criou práticas e técnicas específicas, nos estudos de todos os bens que fazem parte destes patrimônios, e nos dias atuais, atualizou as leis de proteção ao Patrimônio Público e Cultural elaborando decretos e publicando portarias regulamentadora das práticas de preservação e restauro, assim também, os bens arqueológicos são protegidos por legislação própria. “O passado, em forma de patrimônio material, serve ao presente” (FUNARI, 2003, p.08), logo o tempo e o espaço estão diretamente ligados com a Arqueologia, que sofre influência desses dois elementos.

Podemos afirmar que a arqueologia também é um exemplo de patrimônio cultural, quando ela possui a capacidade lógica de ser e trabalha com elementos materiais e imateriais. De acordo com Dória (2001, p. 85), “na tradição ocidental pós iluminista o estado aparece de modo crescente como um agente do processo cultural: ele produz cultura ou administra sua produção e difusão pelos agentes privados”. Diante dessa afirmativa somos convidados a ficar atento a respeito das modificações que o homem pode causar a natureza, modificações que podem nos levar a perder dados irrecuperáveis, além de que, é lá que, podem também está as marcas, os costumes, formas de sobrevivência, e objeto que, ao ser encontrado e analisado revelará a história e a cultura de um povo. Em 2003, a UNESCO proclamou a Convenção para a salvaguarda do patrimônio imaterial, sendo ela ratificada pelo Brasil em março de 2006, definindo-o como:

“(...) as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e a criatividade humana” (In.<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=271> – acesso em 05/10/2017).

Com isso é importante e notório que a preservação do patrimônio cultural tenha de fato seus limites imposto sobre a responsabilidade da sociedade atual, no sentido de preservar história e a memória dos povos antigos, suas idéias, tradições e crenças, sob a ótica de que as gerações são formadas a partir de um conjunto de informações, técnicas e práticas, desenvolvidas por um povo que viveu com muita simplicidade, mas que, não deixou de impor suas expressões e manifestações populares.

As estruturas arquitetônicas se tornam Patrimônio Histórico-Cultural a partir de sua importância e seus vestígios arqueológicos. Conforme Oosterbeek (2007,p.128) “incorporamos no Patrimônio Cultural todos os vestígios, materiais e imateriais, do Passado, sublinhando sua diversidade e pluralidade de leituras, e destacando a sua relevância para a construção de múltiplos futuros”. A cultura material e a imaterial são objetos de estudos da arqueologia e são fontes de informação da vivência de um povo.

A cultura material não é apenas construções e artefatos antigos, Para Funari (2012, p.40) “A cultura material, por outro lado, é o resultado, em grande parte, do esforço das pessoas comuns e conserva-se, muitas vezes, sem que assim se queira ou planeje, como testemunho involuntário da história”. A cultura material e a imaterial são vertentes que representam a cultura humana, fazendo parte do patrimônio cultural.

Nos dias atuais conforme Dias (2006,p.67):

“o patrimônio cultural é considerado o conjunto de bens materiais ou não, que são herdados de nossos antepassados e que, em uma perspectiva de sustentabilidade, deverão ser transmitidos aos nossos descendentes já acrescidos de novos conteúdos e significados, e que no futuro deverão sofrer novas interpretações de acordo com a realidade sociocultural vigente”.

Nesta perspectiva o patrimônio cultural é visto como uma herança que vai se modificando com o tempo e ganhando novos significados e adaptações das novas gerações. Segundo Silva (2013, p. 01) “o patrimônio cultural material ou tangível possui materialidade

imediate, ou seja, o seu suporte físico conserva e apresenta diretamente os seus valores culturais, compreende as edificações, os objetos e os artefatos”, é uma história construída com bens móveis e que expressam em sua estrutura física e material partes pertencentes a uma comunidade ou grupos de pessoas, que de uma maneira particular souberam expressar sua história, ou mesmo uma pequena parte dela, que ficará na memória de quem visita, mesmo não sabendo a quem pertenceu aquele monumento ou edificação.

Enquanto que para o mesmo autor o intangível ou imaterial “ têm materialidade indireta, os seus eventuais suportes físicos e/ou práticas sociais observáveis significam não por si só, mas por tratar-se de ícones do não dito, de representações, de costumes e tradições”. (SILVA,2013,p.01). Sendo assim, bens imóveis, expressões culturais de um grupo de pessoas, seus conhecimentos, práticas e técnicas, às quais eles reconhecem como parte integrante de seu patrimônio. Para fazer o registro imaterial é necessário uma metodologia minuciosa.

De acordo com Silva, (2013, p.06):

“o registro de um bem cultural imaterial envolve três fases: a seleção e um levantamento preliminar, em seguida vem a identificação e documentação do mesmo, ou seja, a montagem de um dossiê. Finalmente, esse corpus documental deve ser submetido a apreciação do órgão gestor do patrimônio cultural, no contexto da escada geográfica a que se pretende atribuir o registro para análise, deliberação e demais procedimentos administrativos, inclusive, a inscrição do bem no livro correspondente a sua categoria e a publicação do decreto dos meios oficiais de comunicação”.

Sobre o uso dos bens culturais como saber e nas políticas e práticas de fomento e consolidação do turismo. Para Choay (2001, p.211) “é necessário focar no incentivo e na participação dos cidadãos e dos agentes culturais nos processos de identificação, difusão e proteção do patrimônio cultural material e na valorização e fomento às práticas culturais imateriais”. A memória é um exemplo de bem imaterial, conforme Oliveira (2014, p. 167),“a memória coletiva oficial refunda lugares privilegiados para o combate ao esquecimento coletivo”, nomeando os equipamentos musicológicos como o lócus mais adequado para um processo comunicacional generalizado do patrimônio cultural.” Nessa concepção, a memória das pessoas referente a alguns lugares poderiam ser escritas e guardadas em locais próprios, como museus, para serem lidas e analisadas por quem se interessasse por ela.

Pontanto as manifestação e tudo quanto o que foi produzido por uma sociedade é patrimonio cultural. Conclui que, a preservação do patrimonio cultural é de fundamental importância para a identificação e memória das sociedades antigas.

CAPÍTULO 2 - O Presépio de Nazaré: A história e cultura material da Igreja

2.1. Origem

Os aldeamentos na Amazônia começaram por volta do século XVII com a chegada dos padres jesuítas e mais tarde as construções e edificações, dentre as quais, as principais eram as igrejas, usadas para as missas. Com a necessidade da criação de uma paróquia para atender os fiéis a primeira igreja católica a ser construída na cidade de Manacapuru foi a Igreja Nossa Senhora de Nazaré, sendo edificada com a ajuda dos moradores e tornando assim um dos patrimônios histórico mais antigo da cidade.

Segundo Braga (1978, p.02):

“Após a instalação do Município de Manacapuru. Domingos Ferreira era o Escrivão. Logo que se instalaram na sede do Município, inúmeros cidadãos da histórica Feitoria de Pesca e alguns índios “muras” que ainda residiam no local, edificaram uma simples **capela** (hoje Praça 16 de Julho). Não cogitariam que ali seria o centro dos primeiros festejos religiosos e de outras atividades da localidade.”

Nesta pequena Capela foram realizados os primeiros movimentos religiosos. Com a chegada dos portugueses, Alberto Ventura & Irmãos, José Luiz de Farias e muitos outros, procuraram construir uma capela maior, que pudesse conter todos os cidadãos da localidade. Assim foi feita. A partir disso começou a buscar recursos para a construção da nova igreja.

Conforme Braga (1978, p.22):

“Embora a tarefa de construção da sede da Paróquia fosse de responsabilidade e legado da população local, conforme determinada pela Lei nº 148 de 12 de agosto de 1865, o Governo da Província, numa demonstração de compromisso cristão e de reconhecimento da relevante realização, determinou um auxílio de RS 5.000,00 (réis), a partir do exercício de 1881 com a devida autorização legislativa. Muito embora conforme se pode observar do Relatório da viagem do Presidente Ferreira Pena, já houvesse no local uma casa destinada aos atos religiosos, mas as suas condições eram por demais precárias.”

Para a construção da nova igreja, os Irmãos Ventura, juntamente com vários populares (os líderes), procuraram um bom local para que fosse iniciada a construção de um templo maior. O local preferido foi o terreno de propriedade da senhora Francisca Soriano, figura a quem cabia inúmeros patrimônios territoriais nas “terras mura”.

Era necessário um local privilegiado para se implantar uma obra que há tempos vinham tentando realizar. Braga (1978, p. 03) afirma que “O lugar era merecedor de um

templo cristão”. Embora a vontade de construir fosse grande, existiam as dificuldades financeiras. De acordo com Soffim (1978, p.17), “O dinheiro empregado na construção era proveniente dos grandes comerciantes da época e principalmente da realização de quermesses; e os seringueiros como podemos dizer, foram os “grandes farristas” dos arraiais...”. Nessas festas vinham pessoas de outras localidades para prestigiar o momento e vivenciar a religiosidade.

De acordo com Braga (1978, p.03):

“Parte dos materiais usados vieram da Europa, outros foram adquiridos na Capital do Estado e em outros municípios, a colaboração do povo era tão grande que, ao chegar o material nos barcos, homens, mulheres e crianças carregavam tudo para o canteiro de obras, todos com a maior satisfação, na expectativa de verem a Igreja construída.”

A Edificação da Igreja Nossa Senhora de Nazaré foi em 1904 e concluída em setembro de 1907, após quatro anos de construção, esse sonho se realiza com a conclusão da obra de edificação da Igreja Matriz Nossa Senhora de Nazaré, esta edificada pela força dos braços do povo desta terra vindos de diversas culturas. A edificação aconteceu segundo Soffim (1978, p.17), “sob a influência da família Ventura, de origem portuguesa, destacando-se os irmãos Fausto, Alberto e Zacarias, juntamente com o Comendador José Luiz de Farias e parte da população, os quais foram os grandes responsáveis”. Foram diversas as ajudas recebidas em prol da construção.



Foto 01 Igreja em 1907: Fonte: acervo da Paróquia Nossa Senhora de Nazaré, foto: equipe de pesquisa da igreja

A partir de setembro de 1907, a Cidade de Manacapuru possuía não mais uma simples capela, mas uma nova igreja, com um modelo arquitetônico diferente das demais

construções da localidade. Conforme Braga (1978, p.03) “na cor branca e cinza, medindo aproximadamente 180m²um marco para a biografia religiosa da população.

A igreja foi construída com traços arquitetônicos semelhantes os das igrejas existentes em países da Europa. A influência era tanta que parte dos materiais foram trazidos de Portugal.

A pedra fundamental foi assentada na frente da Igreja, quanto a parte de trás da Matriz era usado como sacristia. Na igreja tinha banco entalhado com o nome da família Ventura, e neles só podiam sentar quem fosse membro da família.Os materiais oriundos de Portugal foram diversos, dentre eles vieram às imagens de Nossa Senhora de Nazaré e São Sebastião e o Sino.



Foto 02- Igreja em 1907. Fonte: acervo da Paróquia Nossa Senhora de Nazaré, foto: equipe de pesquisa da igreja

Os espaços arquitetados pela igreja Católica conforme Najjar, (2011, p. 81) são “intencionalmente construídos com o objetivo de transmitir inúmeras mensagens aos que o frequentam, particularmente a catequese”. Por isso esses lugares são bem representativos liturgicamente, há sempre uma simbologia muito grande, procurando transmitir o máximo de paz e tranquilidade, para assim os fiéis se sentirem mais perto do sagrado.

Com o passar do tempo a igreja sofreu reformas e ampliação, “A partir de 1968 começava as modificações na Igreja, e em 30 de setembro de 1980, concluía-se a ampliação da Igreja Matriz; seu estilo quase que barroco perdeu-se no modernismo” (SOFFIM, 1978, p.17), mesmo com a tentativa de se preservar, apenas alguns dos traços originais se mantiveram na igreja.

Da antiga Matriz, permaneceu intacta a torre e alguns traços da parte da entrada principal. Mantiveram-se também muitos objetos, além do Sacrário e de sua luminária, a mesa que servia como altar eucarístico, pedestal do Crucifixo, os quatro sinos, as imagens de Nossa Senhora de Nazaré, São Sebastião e Sagrado Coração de Jesus, dentre outros poucos.

Em 2007 mais uma reforma foi realizada, desta vez para a comemoração do centenário da igreja e depois de seis meses de reforma a Matriz de Nossa Senhora de Nazaré foi entregue a comunidade católica de Manacapuru. Muito foi feito: parte elétrica, pintura do forro e telhado, pintura dos sinos, troca de piso, janelas e portas principais, dentre outras mudanças.



Imagens 3,4,5 e 6 – Reforma de 2007. Fotos: acervo da Igreja, equipe de pesquisa da igreja.

A igreja Nossa Senhora de Nazaré foi edificada em grande estilo, assim como as demais construídas pelos padres e religiosos, eles se inspiravam nas construções européias das grandes cidades. Para Najjar (2011, p.76) “a igreja é o marco físico mais eloqüente do projeto de catequese e colonização”. Seu estilo vem contrapor as outras igrejas construídas na cidade em épocas diferentes, por isso não é difícil diferenciá-las.

De acordo com Gil Filho (2008, p.49)

“O espaço sagrado que é produto da consciência religiosa concreta se apresenta como palco privilegiado das práticas religiosas. Por ser próprio do

mundo da percepção, o espaço sagrado apresenta marcas distintivas das religiões, conferindo-lhe singularidades peculiares aos mundos religiosos.”

A Igreja de Nossa Senhora de Nazaré possui uma arquitetura individualizada dos demais edifícios contemporâneos da cidade de Manacapuru, mesmo depois das reformas e ampliação, sua arquitetura chama atenção de todos que a visita ou a vêem de longe, pois mesmo do outro lado do rio é possível localizá-la, sendo construída no ponto mais alto da frente da cidade, ela se destaca com sua torre que no topo está à cruz, o marco da igreja católica em todo mundo. Na igreja existe uma cultura material extensa fato que motivou a pesquisa.

2.2. Cultura material da Igreja: Fonte de pesquisa

A cultura material faz parte da identidade de um povo, através dela identificamos seus costumes e descobrimos seu modo de vida. Sabemos que a cultura não está somente nos objetos e monumentos, é também o hábito social e religioso, comportamentos e saberes que diferenciam um grupo de outro, e distinguem os diferentes povos, “a cultura no seu amplo sentido, se constrói tanto pelos objetos quanto por seus usos e significados concentrados temporal e cronologicamente” (ANGELO, 2015, p.01) na área interna da Igreja Nossa Senhora de Nazaré encontramos diversos artefatos, dentre os quais podemos caracterizar como objetos históricos arqueológicos indicadores da cultura material e imaterial do povo local.

Para Lima (2011, p.21):

“a cultura material é produzida para desempenhar um papel ativo, é usada tanto para afirmar identidades, quanto para dissimulá-las, para promover mudança social, marcar diferenças sociais, reforçar a dominação e reafirmar resistências, negociar posições, demarcar fronteiras sociais e assim por diante. Não há como reverter essa condição, que torna a cultura material, de fato, a dimensão concreta das relações sociais.”

Nesta concepção a cultura material é o legado concreto das pessoas, estampados nas construções e nos artefatos produzidos por eles. Os métodos de confecção dos artefatos são compreendidos como uma continuidade de técnicas e práticas desenvolvidas pelos povos indígenas ancestrais, sendo utilizados outros tipos de matéria prima.

Nos dias atuais encontramos artefatos como imagens com um tipo de matéria prima mais moderna, porém a técnica de construção ainda é espelhada nas práticas indígenas como tem sido descrito em pesquisas desenvolvidas na Amazônia, em que os artefatos eram

construídos com matéria prima extraído da natureza, como por exemplo, a argila e outras composições. Cavalcante (2006, p.121) afirma que “falar em referências culturais significa dirigir o olhar para representações que configuram uma ‘identidade’ da região para seus habitantes, e que remetem à paisagem, às edificações e objetos, aos ‘fazeres’ e ‘saberes’, às crenças e hábitos”. Portanto podemos descrever dois tipos de matéria prima, o contemporâneo e o pré-histórico, no entanto o saber fazer ainda é uma herança cultural utilizada há milhares de anos.

Conforme Farinha e Carle (2014, p.83) “os saberes tradicionais, o legado cultural, rituais, festas e celebrações é o dá forma ao patrimônio cultural imaterial das comunidades, por isso a diversidade cultural é fundamental para destacar as peculiaridades e riquezas de cada bem imaterial”, assim cada região desenvolvem sua cultura imaterial particular, identificadas nas ações cotidianas de grupos de indivíduos.

De acordo com Cerqueira (2012, p. 47), “falar de diversidade cultural implica enfatizar alguns tópicos, como: tesouros humanos vivos, patrimônio e memórias vivas, portadores de cultura tradicionais, tolerância cultural, dentre outros”. Nesse contexto as pessoas carregam com elas um patrimônio vivo e transferem a cultura imaterial de seus povos para as novas gerações, através de seus relatos e suas vivências.

É através da memória das pessoas que se analisa seu modo de vida, costumes e tradições e suas diversidades culturais “A percepção da diversidade contribui para o desenvolvimento do espírito de tolerância, de valorização e respeito das diferenças, e da noção de que não existem ‘povos sem cultura’ ou ‘culturas’ melhores do que outras” (MEDEIROS e SURYA, 2009, p.7). Cada grupo ou indivíduo carrega consigo seu patrimônio próprio e distinto, merecedor de respeito e admiração.

A igreja Nossa Senhora de Nazaré nos apresenta além das imagens existentes, um sino grande, objetos de origens européias que foram trazidos pelos portugueses. O sino era usado com o objetivo de comunicação entre os padres, religiosos e o povo local, na perspectiva de informar que já faltava pouco tempo para o início das missas e o povo precisava se dirigir até a igreja para as devoções, além de noticiar também os fatos ocorridos na cidade.

Por muito tempo o sino transmitiu tantos sinais de bons acontecimentos quanto de fatos ruins quando tocados em horas diferentes ou fora do costume, além desse artefato, também podemos evidenciar um altar canoa cujo em seu interior traz a representatividade do caboclo amazônico, o mesmo foi utilizado na missa da Bola da Suframa celebrado pelo Papa João Paulo II em 1981.

O altar em formato de canoa representa também o meio de transporte ainda de maior utilidade a todos os ribeirinhos, a canoa e o remo eram ferramentas usadas pelos indígenas muito antes da formação da cidade de Manacapuru e depois esse meio de transporte passou a fazer parte da vida dos caboclos e de todos os que vinham para essa região.

O Altar Canoa foi confeccionado por moradores da cidade, desta forma é possível descrever que nesta igreja está presente a cultura material de diversas origens, cabocla, indígena e européia.

2.3. Sino

A cultura imaterial de uma de uma população faz parte de sua herança e podem ser identificadas nas suas relações vividas e em seus costumes, as mesmas fazem parte de seus bens imateriais e podem ser transmitidas através de sua memória. Nora (1993, p.9), menciona que “a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado.” Os relatos das pessoas ajudam a descrever uma história que é de todos.

A biografia dos artefatos mencionados nesta pesquisa teve como base principal a narrativa oral do povo local, se utilizando de suas memórias e lembranças. Na concepção de Costa e Castro (2008, p. 128):

Se a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos, e nesse sentido, em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.

O Sino existente até os dias atuais na torre da igreja foi um objeto introduzido na realidade dos moradores, através do seu badalo. Ele foi trazido de Portugal a pedido dos irmãos Venturas, portugueses que residiam nessa cidade no tempo da construção da Igreja. Desde a inauguração da igreja o Sino foi usado como um instrumento de comunicação auditiva.

“o badalo do sino toca três vezes, a primeira, a segunda e a terceira chamada, é o chamado para irmos ao templo, agradecer a Deus é através do sino que somos chamados ao templo.” (Sr.Venâncio, entrevistado em 27/09/2017).

Os moradores se habituaram em ouvir o Sino tocar de manhã, na hora do almoço, ao entardecer e quando iriam acontecer eventos fora do cotidiano, como uma festa, ou um velório

Para os que não possuíam relógio, o sino servia como guia dos horários principais, toda vez que o Sino badalava em horários diferentes do habitual os residentes da pequena cidade já sabiam que algo bom ou ruim tinha acontecido ou ia acontecer. De acordo com Costa e Castro (2008, p.129) “as lembranças individuais interferem diretamente sobre as memórias coletivas, mas estas memórias coletivas também interferem nas formas de viver, de ser e estar no mundo dos homens”. A memória apresenta as lembranças passadas e faz o indivíduo reviver todo o simbolismo que o envolveu durante o tempo vivido.



Imagem 07 e 08: Sino: Fotos: acervo da Igreja, equipe de pesquisa da igreja.

Atualmente pouco se ouve o badalo do sino, durante a semana ele toca as 6 manhã, meio dia e às 18:00 horas, também para avisar o início dos cultos , novenas e celebrações. Porém não mais para anunciar notícias de cunho popular.

Sinto falta dos badalos do sino, o barulho da cidade hoje em dia é tão grande que pouco se ouve quando ele toca, apenas os mais próximos são agraciados com o som. (Depoimento de Dona Elza, 26-09-2017).

No decorrer do relato de Dona Elza foi possível identificar que em suas lembranças está presente o simbolismo a que o som do sino a remete. Ainda em relação à memória para Costa e Castro (2008, p.130), “não são as memórias individuais em si que determinam os efeitos que dela advêm, nem as memórias coletivas que determinam qualquer

ação à revelia dos conteúdos de que dispõe, mas a construção conjunta desta mescla”, assim como cada grupo ou indivíduo as vivem de maneira particular. Desse modo a relação com o sino sempre foi tradicional.

O simbolismo em que envolve o sino e os atos litúrgicos ainda é atual dentro da igreja e na vida das pessoas, além do toque para início das celebrações, durante a missa na hora de consagração da hóstia ouve-se os badalos de um pequeno sino, nesse momento muitos fiéis se colocam de joelhos no chão e abaixam a cabeça em respeito ao corpo de Cristo consagrado.

Essa prática é exercida desde as primeiras missas realizadas na igreja e se repete até os dias atuais, geralmente esse pequeno sino é tocado pelo coroinha.

2.4. Imagem de São Sebastião

As imagens dos santos são comumente encontradas nas igrejas católicas, os santos para eles são pessoas que viveram na terra de forma exemplar e alcançaram com suas boas obras a santidade. Para a igreja os santos “são membros do corpo místico de Cristo, nos quais a redenção alcançou a plenitude dos seus frutos” (CNBB, 2012, p. 138), eles passam por um processo chamado Canonização para poder se tornar santos perante a igreja, a canonização “é o reconhecimento definitivo pelo qual a igreja declara que alguém, que viveu exemplarmente a fé, participa da glória celeste, prescrevendo que lhe seja prestada a veneração pública” (CNBB 2012, p. 136). A igreja busca fundamento na bíblia para essa prática “antes, como é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos, também vós, em todo vosso proceder” (1Pd, 1,15), ser santo é portanto fazer tudo que agrada a Deus, se tornando cada vez mais imagem e semelhança dele.

De acordo com a CNBB (2012, p. 137):

“Desde os primeiros tempos, a igreja cultuava os mártires e os confessores da fé. O heroísmo da fé, o ardor da caridade e das outras virtudes dos discípulos de Cristo e amigos de Deus, reconhecidos pelas pessoas que conviviam com eles, ocasionavam a proclamação espontânea da santidade destes cristãos [...], com a canonização de alguém, a igreja nos propõe exemplos de vida e nos mostra que todos nós somos chamados a corresponder plenamente ao chamado de Deus a sermos santos, como ele é santo.(cf. Mt 5,48). Os santos são discípulos exemplares de Jesus Cristo e ajudam seus irmãos a conhecerem os caminhos do evangelho e da imitação de Jesus Cristo.”

O culto aos santos é bastante encontrado na vida cotidiana dos povos da Amazônia, pois com a chegada dos europeus eles foram obrigados a incorporar as imagens dos santos à suas próprias crenças, para que ela não se desaparecesse de uma vez por toda, isso devido ao Monopólio da Coroa Portuguesa e a catequização da igreja católica nessa região Amazônica.

Hoornaert (1992, p.56):

“era vontade do rei que a colônia tivesse a mesma religião [...], esta unificação cultural e religiosa da colônia com a metrópole favorecia um governo mais tranqüilo, tanto no afastar os intrusos de outras religiões e governos, como também para não permitir que os índios seguissem os ensinamentos de seus pajés, que podiam manter a unidade do seu povo.”

Na cidade de Manacapuru o culto aos santos era frequente, principalmente com a presença dos Irmãos Venturas, de origem portuguesa, que residiam nessa localidade. Eles foram os grandes responsáveis pela vinda das imagens para a cidade de Manacapuru.

A Igreja Nossa Senhora de Nazaré recebeu logo após a conclusão da obra a imagem de São Sebastião vinda de Portugal em cargueiros, ela veio na companhia da Imagem de Nossa Senhora de Nazaré e de dois Sinos. O acontecimento marcou a pequena cidade. A devoção ao Santo se deu devido à grande epidemia que existia na época e o povo se “pegava” com o santo.



Foto 09 imagem de São Sebastião: foto de José Misquita, em: 10/09/2017.

A senhora Francisca Teles, relata um pouco sobre a devoção a São Sebastião, conforme as lembranças dela, nascida em 1939, possuindo 78 anos, Dona Dida, como é conhecida diz que:

“São Sebastião que doaram pra igreja é muito bonito, até hoje ainda está lá, aquele São Sebastião veio de longe. A festa de São Sebastião era uma novena muito bonita, quem fazia era dona Zuleica e dona Dorilza, elas que faziam a festa de São Sebastião, o pessoal de dentro de Manacapuru que trabalhavam no castanhal apanhando castanha, em janeiro eles vinham todinhos para o arraial de São Sebastião, o arraial vendia bem, porque vinha muita gente do castanhal festejar São Sebastião, tudo isso era uma cidade muito abençoada por Deus.” (Depoimento de D. Francisca Teles, (Dona Dida, entrevistada em, 26/09/2017).

Com o passar dos anos os festejos a devoção a São Sebastião foi enfraquecendo, devido seus principais devotos não ter mais condições de saúde para celebrar, porém os fiéis de São Sebastião ainda vão até a igreja venerar a imagem do santo. Nos dias atuais na igreja se festeja apenas Nossa Senhora de Nazaré, sua padroeira.

2.5. Imagem de Nossa Senhora de Nazaré

As estátuas dos santos trazem símbolos da cultura materiais e imateriais, que os tornam preciosos para os fiéis, pois remetem a uma prática religiosa que foi introduzida a partir de que os santos podem ser intercessores entre a pessoa humana e um poder supremo, “o artefato promove a função, o que indica que ele assume uma função comunicacional, até mesmo quando não está sendo usado” (ECO, 1971, p. 188). Os ritos de orações diante das imagens são desenvolvidos por inúmeros fiéis e caracterizam uma cultura imaterial praticada ao longo dos anos por grande parte da sociedade, uma relação única de cada indivíduo que presta suas devoções ao seu santo padroeiro, em Manacapuru, não é diferente de outras cidades, os devotos têm como padroeira Nossa Senhora de Nazaré, cujo, a devoção de fé pela santa tem sua origem vinda de Portugal por esse motivo sua chegada por aqui teve como principais influenciadores os portugueses que aqui moraram.

No ano de 1908 chegaram de Portugal a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, São Sebastião e dois Sinos grandes.

A imagem de Nossa Senhora de Nazaré era a mais esperada pelos fiéis, foi recebida na cidade de Manacapuru com grande alegria pela população local que se aglomerou no porto e a recebeu com cantos e louvores, depois ela foi conduzida para o seu novo lar, mesmo de maneira humilde, mas fervorosa, a população comemorou sua chegada, o povo a recebiam

como sua mãezinha do céu, a cidade ganhava uma padroeira e a igreja que foi preparada com tanto carinho, esforço e sacrifício recebia sua habitante com uma festa para a bênção das imagens de Nossa Senhora de Nazaré e São Sebastião.

A cerimônia contou com a presença dos moradores e nesse dia foi um marco para os religiosos e fiéis que muito esperavam aquele momento grandioso.

Robério Braga (1978, p.04) afirma que:

“Uma festa marcou a bênção das imagens. A cerimônia contou com a presença de toda população e nesse dia foi marcante pela beleza e organização de mais uma inauguração. Notava-se a alegria do humilde povo. Na chegada da Imagem de Maria de Nazaré e São Sebastião, entoou-se um canto pela senhora Zuleica e demais Filhas de Maria, no porto da cidade.”

A alegria do povo era grande, a imagem possui 1,5m de altura por 1,07m de largura, segura em seus braços, a imagem do menino Jesus de 0,52 cm de altura e esculpida em madeira tipo Cedro e gesso, tendo hoje maior conteúdo de madeira da própria região.

A imagem de Nazaré passou por duas reformas e pinturas, em 1946 pela primeira vez e a segunda em 1998.



Foto 10 imagem de Nossa Senhora de Nazaré: foto de José Misquita, em: 10/09/2017.

Nos dias atuais ela não participa mais das procissões, ficando a exposição dentro da Igreja Nossa Senhora de Nazaré, seu Presépio.

“Nossa senhora de Nazaré era bem pequenininha, tinha uma maior na festa da terra preta, essa nossa senhora de Nazaré naquela festa da terra preta, os

padres, que vieram pra cá eles não queriam a santa lá por que eles achavam que era um antro de perdição, mas não era não, eles traziam a nossa senhora de Nazaré para botar na igreja, quando era no outro dia a nossa senhora de Nazaré estava lá na terra preta, a roupa dela era vestido de pano, a barra da saia do vestido dela estava cheia de carrapicho, por que quando passava pelo caminho era muito carrapicho, então aquela santa foi trazida umas quatro a cinco vezes para a igreja nossa senhora de Nazaré, aí outras vezes amanhecia o dia ela não estava mais no altar, estava lá no altazinho dela lá na terra preta, os padres foram deixando, ai eles compraram a nossa senhora de Nazaré maior para botar lá e não mexer com a outra de lá. Então eles achavam que era ela que saía e ia embora pro cantinho dela lá na terra preta, isso aí todos se admiravam como ela saía, milagre, milagre de Deus, é a mãe de Jesus ela ia embora lá pro cantinho dela. (Depoimento de Francisca Teles de Assunção (Dona Dida), entrevistada em 26/09/2017).

Esse é um dos relatos contados pelos moradores da cidade de Manacapuru a respeito da primeira Imagem de Nossa Senhora de Nazaré, eles falam dos grandes feitos da primeira santinha que pertencia à capela do bairro de Terra preta, a qual não se tem escritos que comprovem a origem da religiosidade e nem o destino da pequena imagem, mas que nos leva a pensar que a devoção a santa começou pelo bairro de Terra preta e só depois da chegada dos Ventura no vilarejo que veio para onde permanece até os dias de hoje.

O festejo em honra a Nossa Senhora de Nazaré acontecem anualmente, sempre no mês de setembro com a venda de comidas típicas, exposição de artigos religiosos, leilões e procissão pelas ruas próximas a igreja. Durante as noites de arraiais diversos são os visitantes de toda parte da cidade, estrada e de cidades vizinhas, inúmeros fiéis chegam para “pagar” promessas e prestarem homenagens à santa padroeira da cidade de Manacapuru.

Na igreja existe também um dos artefatos mais regionais da região, um altar em formato de canoa. Ele representa o simbolismo da cultura amazônica.

2.6. Altar Canoa e simbolismo do presbitério

Na região Amazônica o rio ainda é a principal via de transporte da população e a canoa é um dos meios de transportes mais utilizados pelos ribeirinhos, ela é construída de forma artesanal.

A canoa e o remo representam a cultura do caboclo ribeirinho amazônico e o Altar Canoa foi pensado e projetado justamente com a finalidade de ser um objeto cultural característico do povo local presente na igreja.

O altar da igreja Nossa Senhora de Nazaré foi construída com uma perfeição admirável por todos que desenvolve essa atividade na região em especial pelos fiéis da igreja,

possui todos os traços de uma canoa utilizada nos dias de hoje e ganhou um valor simbólico maior para todos os fiéis a partir da vinda do santo Papa João Paulo II para Manaus, e com a canonização do referido Papa o altar tem ganhado importância ainda maior.

“O Altar Canoa representa o caboclo ribeirinho, seu único transporte na época, usado como meio de obtenção de alimento, através da pescaria. Foi confeccionado por seu Severiano em 1978, a madeira do purão é macacaúba, o estrado é Cedro, os remos são feitos de Itaúba. Os símbolos de Alfa e Omega foram entalhados pelo Sr. Dinamérico. Toda a madeira utilizada é madeira de lei da nossa região.” (Geraldo Maria Margela, entrevistado em 11/09/2017).

Com a vinda do Papa Em 1980 a igreja de Nossa Senhora de Nazaré por pouco não perde seu artefato que mais simboliza a cultura do povo local, pois o mesmo foi requisitado pela Diocese de Manaus para que ele fizesse parte da relíquia da Diocese, porém os padres e religiosos que estavam à frente dos trabalhos da igreja de Nazaré em Manacapuru, juntamente com os fiéis não permitiram que o mesmo fosse doado, permanecendo na igreja de origem até os dias atuais.

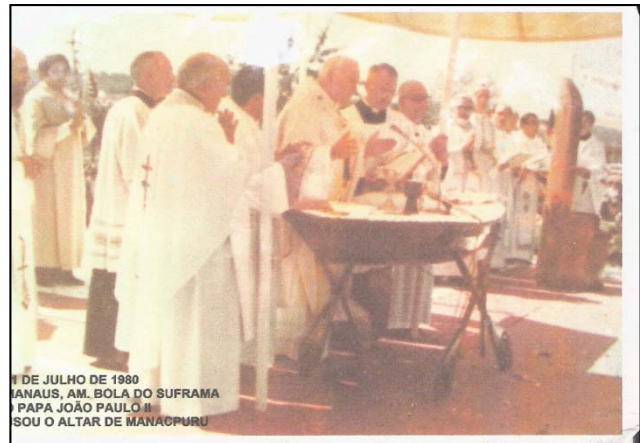


Foto 11 altar canoa foto: José Misquita: 10/09/2017 Imagem 12 vinda do Papa à Manaus, missa celebrada sobre o altar Canoa: foto acervo da igreja

“O altar é uma herança de Deus para todos nós de Manacapuru, por que quando o papa João Paulo II veio a Manaus ele benzeu este altar. Jesus também andou na barca, então tudo isso tem um simbolismo na minha vida, hoje em dia colocaram na igreja o chapéu e a tarrafa que são usados pelos pescadores daqui da região.” (Depoimento de Francisca Teles de Assunção (Dona Dida), entrevistada em 26/09/2017).

Nos dias atuais os objetos de trabalho da população da cidade são comumente utilizados na liturgia e rituais celebrativos da igreja, passando a fazer parte da religiosidade do povo, como símbolos sagrados de seus trabalhos.

O altar (presbitério) foi copiado do que era antes, construíram dois degraus, para que o padre pudesse ver todo mundo que estava na igreja. A obra do mesmo demorou um pouco, ficando parado por uns dois anos, até a comunidade e a paróquia angariar novos recursos para construir, o presbitério é o local onde ao decorrer da santa missa apenas pessoas autorizadas pelo Padre que preside a celebração podem ficar desde que estejam encarregados da função litúrgica, ao centro fica a exposição do Cristo ressuscitado para que todos vejam, antes ficava o Cristo crucificado, a troca foi realizada depois da reforma de 2007.

No centro da igreja, na parte esquerda do presbitério está localizada uma imagem da padroeira Nossa Senhora de Nazaré, vinda de Portugal no ano de 1908. Antes da reforma do presbitério a imagem ficava em um dos oratórios próximo à entrada.

Na parte direita do presbitério está o sacrário, objeto utilizado para guardar as hóstias consagradas (corpo de Cristo) que apenas os ministros enviados e os padres podem manipular, para o sacrário que antes permanecia em uma mesa redonda próxima a porta lateral, foi construído um espaço com genuflexório.



Imagens 13,14 e15 - Ícones do altar, acervo da Igreja, equipe de pesquisa da igreja

O simbolismo existente dentro da igreja impressiona todos que a visita, ao entrar no local percebe-se logo o silêncio, o qual induz a oração, outro fator que chama a atenção é a via sacra existente dentro da igreja em formato de quadro, os quais as estações representam a vida de Cristo, os momentos cruciais de sua passagem pela terra, são geralmente colocados da direita para esquerda e não da esquerda pra direita, porém não é regra geral, depende muito da posição do presbitério.

“Ao celebrar a via-sacra de Cristo, ela tem seu início no presbitério da igreja da direita para a esquerda começando no presbitério, lado direito e terminando no presbitério, lado esquerdo. No entanto as estações são sempre colocadas em ordem numérica, da 1ª até a 14ª, cada estação mostra o sofrimento de Cristo”. (Pe. Agnaldo, entrevistado em 30/09/2017).

Um dos objetos litúrgicos mais importantes dentro da igreja é o sacrário, lugar onde é guardado as hóstias consagradas (Corpo de Cristo), ele, assim como o crucifixo e a mesa da palavra possuem um lugar em destaque no presbitério.

“O sacrário sempre fica ao lado esquerdo do altar e a palavra à direita, a direita do pai, isso pra quem está no presbitério, de frente para os fiéis, a missa é um sacrifício, então geralmente o Cristo utilizado é o sacrificado, para não perder o sentido maior de que Jesus é aquele que se doa por nós, que se sacrifica por todos nós, a cruz do altar é ele. Não está errado colocar o Cristo ressuscitado, pois já existe essa disposição quanto a isso no documento do Papa, porém o sentido maior é o crucificado, não se deve colocar no altar o Cristo ressuscitado e sim o crucificado.”(Pe. Agnaldo, entrevistado em 30/09/2017).

Cada um dos objetos carrega sua função simbólica dentro da liturgia da igreja, os quais transmitem aos fiéis a noção do sagrado, o crucifixo expressa o sacrifício de Jesus por amor a humanidade. A mesa da palavra é o local onde é proclamada a palavra de Deus a todos os fiéis. Todos esses objetos são símbolos de fé e devoção.

O culto aos santos tem diferentes interpretações, devido o modelo de catequização transmitida ao longo dos anos por colonizadores foi inserido na realidade do povo uma maneira diferente de devoção, a qual se devia recorrer a eles quando houvesse a necessidade de recorrer ao ser Supremo.

“os santos são intercessores, isso aconteceu talvez na nossa catequese católica e evangelização deu muita importância a mediação dos santos e não a intercessão, o único mediador entre Deus e os homens é Cristo Jesus, não existe debaixo da terra ou encima um nome pelo qual devemos ser salvo, Jesus Cristo só. Então os santos são amigos de Jesus, mas não tem poder nenhum, por que não são divinos a divindade pertence apenas a Santíssima Trindade, eles são intercessores.”(Pe. Agnaldo, entrevistado em, 30/09/2017).

Na área interna da igreja analisou-se o simbolismo dos artefatos para os fiéis, como também toda a cultura material e imaterial.

Os gestos e costumes praticados no ato da chegada e durante as missas, o mais comum é a genuflexão, ato de se abaixar e fazer reverência ao altar e ao Cristo presente em formato da hóstia consagrada. Portanto o simbolismo dentro e relacionado à igreja é um mistério divino e grandioso que só quem participa é capaz de sentir e vivê-lo.

2.7. Relação das pessoas com os artefatos existentes na Igreja

O ser humano sente a necessidade de segurança, de ter alguém com quem pode contar, um ser supremo a quem recorrer nas horas de dificuldades e aflição, essa necessidade se faz presente na vida religiosa da maioria das pessoas, antigamente os nativos cultuavam seus próprios deuses, “o sagrado pode manifestar-se em pedras ou em árvores (...) é um modo peculiar de conhecimento e de situar-se nele. O que se venera aqui não é a pedra como pedra, a árvore como árvore, mas algo que já não é pedra, nem árvore: o sagrado”(WILGES, 2003, p.07).Esse culto tinha sempre como referência a natureza, que estava presente em sua vida cotidiana e que eles dependiam dela para a sua sobrevivência por isso existiam os deuses da mentalidade primitiva. Antes do surgimento das religiões atuais, existiam as concepções da religião elementar.

Conforme Wilges (2003, p.44)

“não existia por assim dizer, um sistema religioso, e sim duas religiões distintas, uma voltada às coisas da natureza, sejam as grandes forças cósmicas, como os ventos, os rios, os astros, o céu, seja objetos de toda espécie que povoam a superfície da terra, plantas, animais, rochas e etc., dá-se-lhe, por essa razão o nome de naturismo. A outra tem por objeto os seres espirituais, os espíritos, almas, gênios, demônios, divindades propriamente ditas, agentes animados e conscientes como o homem, mas que se distinguem dele pela natureza dos poderes que lhes são atribuídos [...], a essa religião de espírito dá-se o nome de animismo.”

Com a chegada dos europeus no Brasil foi introduzido na realidade dos nativos outros seres que eram humanos e passaram a ser divinos tidos como santos e santas, a partir de então houve miscigenação cultural. De acordo com Barros (2004 p.32-33). “Através dos objetos e dos seus usos, inscrevendo-os em uma teia de relações humanas que deve ser captada para que a História da Cultura Material não se transforme em um mero inventário descritivo de bens diversos e de suas formas de consumo”, assim, mediante a relação das pessoas com os objetos é que desvendamos o real valor da cultura material e imaterial.



Imagem 16 missa na Igreja – Imagem 17 procissão nas ruas, acervo da Igreja, equipe de pesquisa da igreja

A religiosidade contribui na vida das pessoas “O ser humano pode se servir da arte sagrada para educar sua sensibilidade, estando cada vez mais aberto, em todos os sentidos, para acolher o mistério e torná-lo presente e atuante em sua própria vida”. (PASTRO; TAVARES, 2010, p.42). As imagens e a própria igreja remetem aos fiéis e ao povo além do sentimento de fé, um simbolismo sagrado que as fazem mudar de postura diante da sociedade e é através da cultura material que temos a oportunidade de conhecer os costumes dos povos que conviveram com esses artefatos.

Uma das formas mais prática de saber a relação das pessoas com os artefatos é através da memória das pessoas. “As memórias são organizadas segundo uma lógica subjetiva que seleciona e articula elementos que nem sempre correspondem aos fatos concretos, objetivos e imateriais” (MEIHY, 2005, p.63). A memória envolve recordações e lembranças de um passado que ainda está presente na vida de uma pessoa, são seus conhecimentos pessoais de algo que às vezes só ela mesma sabe, ou lembra.

“Quando os padres iam chegar, a notícia corria de casa em casa, e todos se reuniam no porto para recepcionar o padre, ele vinha celebrava e depois que encerrava volta para bordo e ia embora”. (Depoimento de dona Piedade, 2006, acervo da igreja, p.148).

Ao perguntar para uma das senhoras que participava da igreja desde a sua infância qual a importância da igreja em sua vida religiosa e social. Ela responde com bastante perfeição:

“A igreja na minha vida é tudo, eu nasci bem dizer dentro da igreja, estudei, cresci dentro da igreja, limpava, ajeitava até me casei lá com 16 anos. A Igreja exerceu e exerce muita influência na minha vida, pois as pessoas que participavam lá eram educadas e me ensinavam as outras classes não, a igreja foi uma parte instrutiva a todos nós, as crianças e a nós, os padres de freguesia que passavam dois, três dias e iam embora, depois os redentoristas que ficavam anos e anos e ainda estão até hoje.” (Alice Teles de Assunção, entrevistada em, 10/09/2017).

A estadia dos padres na pequena cidade era rápida, devido à grande demanda de locais e fiéis que possuíam para serem visitados e orientados, a quantidade de religiosos era pequena demais para tanto trabalho.

“Por anos, todos os sacerdotes que estiveram aqui, residiam na mesma casa, ou seja, próxima ao Banco do Brasil, ficando no máximo um mês, e às vezes somente alguns dias. Apenas nos festejos suas presenças eram certas. Quando chegavam padres na cidade, em desobrigas, a notícia corria de casa em casa, e todos se reuniam no porto para recepcioná-los; após a celebração os padres voltavam para bordo e partiam.” (BRAGA, 1978, p.04).

Conforme os relatos sobre a chegada das imagens em Manacapuru, dona Alice falou com base no que ouvira de seus pais que foi “Muito bonita a chegada, muita gente, fogos, o motor vinha lá por fora, os dois vieram encaixotados, aí foi aberto ao público Nossa Senhora e São Sebastião, mas a madeira toda é daqui, foi daqui para lá pra Portugal, de lá eles fizeram os Santos e mandaram as imagens prontas”. Segundo ela, sua relação com os santos:

“é de devoção, de rezar todos os dias perante eles e pedir a graça de eles orientarmos, naquele tempo não tínhamos muita orientação, depois da chegada dos santos foi chegando o pessoal e reunindo todo sábado, todo domingo, muita gente que vinha ficou devoto dela, muita gente veio do interior, descalços eles pagavam promessas, vinham e tinha muitas procissões, reza do terço. Eu ia todo dia, quando amanhecia eu já estava lá. Sou mais devota de Nazaré. Nossa Senhora de Nazaré é a mãe de Deus e a minha devoção com Nossa Senhora é pelos tantos milagres que eu já recebi, sou uma dizimista fiel da igreja e todos os meses eu faço essa devoção com a igreja e esse dinheiro nunca me fez falta, por que eu não estou pagando nada e sim é uma contribuição com igreja. A igreja já contribuiu muito para a minha fé e hoje é a minha vez de ajudar. Todos os dias eu rezo, acordo 4 horas da manhã e só saio do quarto depois de rezar meu terço, enquanto isso eu não saio, antes de dormir eu rezo.”(Alice Teles de Assunção, entrevistada em,10/09/ 2017).

A relação das pessoas com a igreja e seus objetos, aproxima-os do sagrado. Na concepção de Rosendahl (2002, p.30), “é por meio de símbolos, dos mitos e dos ritos que o sagrado exerce sua função de mediação entre homem e divindade. É o espaço sagrado, que possibilita ao homem entrar em contato com a realidade transcendente chamada (...). Deus”. O Senhor Venâncio, a ele analisa esses artefatos como um fator não apenas religioso, mas também cultural da cidade, portanto conforme os diversos depoimentos foram possíveis entender um conjunto de simbolismo que conduz ao sagrado.

“a canoa é uma espécie de transporte e para mim tem dois sentidos, anos passados o transporte era a canoa, tinha a grande e a pequena, quando era para vender os produtos em Manaus íamos de batelão, remando (canoa grande), o segundo sentido é a madeira da floresta que simboliza aquilo que Deus plantou para servir a humanidade, a igreja para mim é o templo, um lugar especial para louvar, agradecer e pedir ajuda de Deus, a via-sacra faz parte da nossa vida, é a caminhada de Deus para conosco. Os santos foram pessoas que viveram exemplarmente aqui na terra e que foram chamados de santos por conta da sua integridade.” (Venâncio, entrevistado em, 27/09/ 2017).

Através do depoimento de seu Venâncio foi possível perceber que não há uma ligação íntima dele com os santos, a relação dele com esses artefatos é mais de respeito do que de devoção.

A cultura material existente na igreja possui diferentes significados para as pessoas, os fiéis as valorizam como objetos litúrgicos e sagrados, enquanto que para os estudiosos e arqueólogos são artefatos arqueológicos que servirá para análise das civilizações

passadas. Para Netto (2008, p.12) “a cultura material torna-se explicitamente um referente de vínculos de identidade e se desloca no tempo em forma de memória, por meio de uma postura arqueológica sobre essas formas de representação”, esse vínculo da identidade do povo é transmitido às futuras gerações através das memórias coletadas.

“eu me casei e criei meus filhos na minha religião, participando de tudo sobre a igreja Católica, a imagem principal é a de Nossa Senhora de Nazaré, antigamente tinha três festejos, São José, São Sebastião e Nossa Senhora de Nazaré. A igreja contribuiu muito na minha vida, e na minha fé, eu não trocava minha igreja por nada, fazia parte do Apostolado de Oração e Legião de Maria. O material da primeira igreja toda veio de Portugal, as imagens também vieram de Portugal, Nossa Senhora de Nazaré e São Sebastião. Meu filho antigamente era responsável pelo Sino, ele batia 6, 12 e 18 horas. Quando eu ouço o sino eu me lembro quando eu podia ir para a igreja, hoje em dia eu não posso mais, desde a missa de natal que eu não vou mais, o sino era um convite para a missa, horários das novenas. Trabalhei muito quando tinha os festejos de Nossa Senhora e São Sebastião, se juntava aquela turma e ia para a cozinha para fazer as comidas do arraial.” (Dona Elza, entrevistada em, 28/09/ 2017).

A relação de dona Elza com o sino é uma afinidade de fé, a memória que ela possui do som desse objeto, a remete a uma devoção para com Deus. Para Bosi (2003, p. 16) é “do vínculo com o passado que se extrai a força para a formação de identidade”, os hábitos exercidos anteriormente pelos fiéis ainda se fazem presente em suas memórias nos dias atuais. É emocionante para dona Elza lembrar o quanto servia a igreja, desenvolvendo os trabalhos voluntários e hoje em dia não tem mais forças para permanecer executando seu ofício de devota fiel e ativa.

“nosso pai sempre foi católico, a imagem significa a mãe de Deus, por isso eu amo Maria como a mãe de Deus e nossa mãe, quando eu ouço o sino vem estas palavras na minha memória, Ave Maria, cheia de graça o senhor é convosco bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. Amém, porque toda vez que tocava o sino minha mãe nos fazia rezar uma ave Maria. O sino tocava 3 vezes ao dia, 6 da manhã, 12 horas e 18 horas. Quando entro na igreja e vejo a via-sacra me recordo da vida de Jesus, todas aquelas imagens significa a vida dele e tudo o que ele sofreu para nos salvar. Aquele altar tem um significado muito grande para nossa cidade, foi levado para Manaus, o papa benzeu a nossa canoa. E a canoa significa a vida, por que antigamente a gente só usava a canoa para viajar e conseguir nosso alimento. O remo nos ajuda a ir para frente, meu pai remava muito. A igreja contribuiu muito, lá eu estudei catecismo, com a dona Maria Olinda Ventura e o dia mais feliz da minha vida foi o dia em que eu fiz a minha primeira comunhão, antigamente a gente vivia o que os pais da gente queriam que a gente vivia, hoje a juventude é liberta.” (Benedita, entrevistada em, 26/09/2017).

As vivências com os artefatos vão criando novos vínculos, a partir de acontecimentos religiosos, transformando-os cada vez mais significativos na vida das pessoas.

“A representação de um objeto é um ato muito diferente de seu simples manuseio (...). Para representarmos alguma coisa não basta manipulá-la corretamente e utilizá-la com finalidades práticas. Precisamos ter uma concepção geral do objeto, a fim de descobrir-lhes as relações com outros objetos; e localizá-lo determinando sua posição em um sistema geral.” (CASSIRER, 1977, p.31).

Os objetos arqueológicos pertencentes à igreja Nossa Senhora de Nazaré possui grande importância para os fiéis, bem como para os demais moradores da cidade de Manacapuru, através desses artefatos arqueológicos foi possível analisar a prática religiosa e cultural dessas pessoas, identificando sua relação pessoal e social com a igreja e sua cultura material. Portanto, podemos considerar que a religiosidade cristã e suas práticas devocionais milenar estão presentes na cultura dos povos contemporâneos da cidade.

2.8. Reflexões sobre o resultado da Pesquisa

No transcorrer da pesquisa e nas análises, de documentos já escritos e dos testemunhos dos moradores, percebeu-se que os artefatos pesquisados exercem influências culturais e religiosas na vida de muitos moradores da cidade de Manacapuru.

A relação dos fiéis com os artefatos da igreja era e ainda é de grande intimidade religiosa, para eles os santos são os mediadores de sua fé com o Ser Supremo para alcançar graças e resolver aqueles problemas que parecem impossíveis.

Quanto aos demais artefatos como sacrário, mesa da palavra, crucifixo, e todo o espaço tanto da nave quanto do presbitério verificou-se que ainda são carregados de valores simbólicos como no início da devoção, simbolismo esse que são próprios da igreja e que foram introduzidos na cultura do povo local a partir do projeto de catequização. Cada um desses artefatos possui sua função individualizada, mas que conduz a um só caminho, a salvação da alma.

Com relação ao sino, ele ainda representa para os fiéis o chamado a exercer a fé, a mensagem de que está na hora de comparecer a igreja para suas devoções, idéia essa que não se perdeu com o passar dos anos e muitos ao ouvirem esse som que se repete há mais de cem anos agem da mesma maneira que seus pais agiam se arrumam e vão a igreja prestar suas devoções a Deus.

Já no caso do altar canoa, que é a mesa da eucaristia, onde acontece à consagração da hóstia, corpo e sangue de Cristo, representa para os fiéis a presença do senhor entre eles e partilhado faz memória a santa ceia de Jesus, deste modo a idéia que se tem é do sagrado, este ato pode ser observado no rito da missa, momento em que o Padre faz a consagração do pão e

do vinho ao fim da consagração e ao erguer o cálice do pão e do vinho todos os fiéis em silencio inclinam a cabeça reverenciando Jesus presente no altar. Para os devotos esse é o momento mais sublime e mais santo de toda a missa.

Portanto, a cultura material e a imaterial encontrada e inserida no contexto da igreja são insubstituíveis como fontes de pesquisa, ela nos aproximou da realidade de uma sociedade passada que se faz presente nos dias atuais e nos permite adquirir conhecimento que evidencia sua realidade contemporânea.

CONCLUSÃO

A arqueologia é o estudo das sociedades humanas pretéritas e contemporâneas, através da sua cultura material e imaterial, produzida por determinada sociedade, ou grupos de pessoas. A arqueologia nos proporciona analisar as vivências de uma sociedade a partir de seus artefatos ou super-artefato mediante a problemática a serem respondida sobre um olhar arqueológico.

Esses artefatos são considerados sagrados, pois cada um tem uma função de estreita intimidade para com cada pessoa de modo que muitos fiéis têm o hábito de acender velas e aproveitam os momentos de silêncio para fazer suas orações, esses atos são mais praticados nos seguintes horários: ao amanhecer do dia, às doze horas e às dezoito horas, todos esses costumes foram práticas dos que lhes antecederam e foram transmitidos de geração em geração.

A pesquisa mostrou a relação das pessoas com a cultura material existente na igreja, às quais muitas foram trazidas pelos europeus para a cidade, e outras foram adquiridas pelos próprios moradores para representar sua diversidade cultural amazônica, identificaram-se cada um dos artefatos estudados, descrevendo sua origem, assim como a parcialidade do presbitério e a distribuição dos objetos litúrgicos no presbitério, sacrário, crucifixo, o altar, a mesa da palavra e a função de cada um dentro dos rituais celebrativos.

Por fim analisou a relação dos fiéis com esses objetos, de modo que podemos identificar e descrever a partir da fala de cada pessoa entrevistada as quais muito contribuíram na produção desta pesquisa.

Conforme a pesquisa, é possível afirmar que, muito foi à contribuição da igreja para a formação do povo local, da mesma forma ficou evidente que o povo contribuiu na construção da igreja, e essa relação ainda é presente nos moldes da igreja que segue com a missão de catequizar as pessoas inserindo em seu modelo litúrgico, do mesmo modo que introduzido aos fiéis a devoção pelos santos, os quais são comuns encontrar em lugares bem reservado, em suas próprias residências tornado assim, de propriedade particular. Portanto, a relação dos artefatos com as pessoas é de fé, devoção intimidade religiosa.

REFERÊNCIAS

Alice Teles de França, 97 anos, nasceu em Manacapuru, reside na Avenida Ribeiro Alexandre, centro de Manacapuru, foi professora por 36 anos. Entrevista concedida em 10/09/2017.

Elza Gonçalves de Oliveira, 95 anos, nasceu em Manacapuru, reside na Rua Manoel Urbano, Centro de Manacapuru. Entrevista concedida em 28/09/2017.

Benedita Teles, 85 anos, nasceu em Manacapuru, reside na Avenida Quintino Bocaiuba, Centro de Manacapuru. Entrevista concedida em 26/09/2017.

Francisca Teles da Costa (Dona Dida), 78 anos, nasceu em Manacapuru, reside, reside no Bairro de São Francisco, Manacapuru. Entrevista concedida em 26/09/2017.

Francisco Agnaldo Barbosa da Silva, 50 anos, mestre em Teologia sistemática, nasceu em Nhamundá, atua como padre há 20 anos, atualmente mora em Manacapuru. Entrevista concedida em 30/09/2017.

Geraldo Maria Magela Teles da Costa, 54 anos, nasceu e reside em Manacapuru. Entrevista concedida em 11/09/2017.

Venâncio Freitas, 78 anos, morador de Manacapuru, centro da cidade. Entrevista concedida em 27/09/2017.

ACERVO DA IGREJA. Dossiê do Jubileu dos 100 anos de Evangelização da igreja mãe Nossa Senhora de Nazaré, Manacapuru, 2007.

ATAS DO CONSELHO PAROQUIAL DE MANACAPURU, 1973 a 1978.

ALBUQUERQUE, Marcos. **Arqueologia História, Arquitetura e Restauração**. CLIO arq. Recife, v.1, n.8, p. 131-151, 1992.

ANGELO, Elis Regina Barbosa. **Patrimônio Cultural no século XXI: Pessoas, Lugares, Histórias, Memórias e identidades em Nova Iguaçu, RJ**. XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis, 27 a 31 de julho de 2015.

BARRETO, Margarida. **Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento**. Campinas: Papirus, 2000.

BOSI, E. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê, 2003.

- BRAGA, Robério. **Livro Manacapuru**. XLVI aniversário da cidade.1978.
- BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais n°s 1/92 a 39/2002 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão n°s 1 a 6/94. – Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2003.
- CASSIRER, Ernest. **Antropologia filosófica**. Tradução de Vicente Félix Queiroz. 2. Ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- CASTRO, R. V. **O quarto de Getúlio: representações e memória na política brasileira**. In C. P. de Sá (org), *Memória, imaginário e representações sociais* (pp199-208). Rio de Janeiro. Editora Museu da República. 2005.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiro de Castro. **Estado Del Arte Del Patrimônio Cultural Imaterial**: Brasil. 2006. Disponível em:WWW.crespial.org. Acesso em: 06 agosto. 2017.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Dicionário escolar da língua portuguesa**/ Domingos PaschoalCegalla. – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.
- CERQUEIRA, Fabio Vergara. **Novas diretrizes para a proteção do patrimônio: a diversidade cultural e o imaterial**. *Revistas MÉTIS: historia& cultura*. V, n.12, n.24, p.4063,jul./dez.2012.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL/**Sou Católico: vivo a minha fé**. Brasília, Edições CNBB. 2012.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL/**Bíblia Sagrada**. Brasília, 10ª Edição, CNBB. 2010.
- COSTA, Diogo M. **Arqueologias Históricas: Um panorama Espacial e Temporal**. *Vestígio – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*. Volume 4/ numero 2/ Julho –Dezembro 2010.
- COSTA, Lúcio. **Arquitetura**. Rio de Janeiro: José Olympo. Ed., 2002.
- COSTA, Marli Lopes da, CASTRO, Ricardo Vieiralves de. **Patrimônio Imaterial Nacional: preservando memórias ou construindo histórias?**. *Estudos de Psicologia* 2008, 13(2), 125-131.

CHAUI, Marilena. **Natureza, cultura, patrimônio ambiental**. In: LANNA, Ana Lúcia Duarte (coord.). *Meio ambiente: patrimônio cultural da USP*. São Paulo: Editora de Universidade de São Paulo Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Comissão de Patrimônio Cultural, 2003. p. 52.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2001.

DÓRIA, Carlos Alberto. **A Merencória luz do Estado**. São Paulo em Perspectiva. Vol.15 no. 2 São Paulo. Apr./June, 2001.

ECO, Umberto. **A estrutura ausente: introdução à pesquisa semiológica**. São Paulo. Perspectiva/EDUSP, 1971.

FACHIN, Odília. **Fundamentos da Metodologia**. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

FARINHA, Alessandra Buriol, CARLE Cláudio Baptista. **A diversidade religiosa e o patrimônio imaterial: navegantes e iemanjá em Pelotas – RS**. Expressa Extensão. Pelotas, v.19,n.1,p.81-92, 2014.

FONSECA, Luiz Almir Menezes. **Metodologia Científica ao alcance de todos**. 3. Edição. Manaus: Editora Valer, 2008.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2003. p.108.

FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia/Pedro Paulo Funari**.3.ed.São Paulo: Contexto, 2012.

GIL FILHO, Silvio Fasto. **Espaço Sagrado: Estudo em Geografia da Religião**. Curitiba: Ibpx, 2008. 119 p.

HOORNAERT, Eduardo. **História da Igreja na Amazônia**. Petrópolis: Vozes,1992.

IPHAN. **O Registro do Patrimônio Imaterial: Dossiê Final das atividades da Comissão do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial**. Brasília: Funarte. 2003.

LIMA, Tânia Andrade. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. **Boletim do Museu Paranaense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v.6,n.1,p.11-23, jan.-abr. 2011.

MEDEIROS, Mércia Cárrera de; SURYA, Leandro. **A Importância da Educação para a preservação do patrimônio**. Simpósio Nacional de História, 25, 2009. Fortaleza. Anais do Simpósio Nacional de História–Historia e Ética. Fortaleza: Anpuh, 2009. P.1-9.

- MUMFORD, Lewis. **Arte y Técnica**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1968.
- NAJJAR, Rosana. **Arqueologia Histórica**: Manual /Rosana Najjar. – Brasília: IPHAN,2005.
- NAJJAR, Rosana. **Construtores de Igrejas**: Um estudo arqueológico da presença da Companhia de Jesus no litoral brasileiro. 2005. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- NAJJAR, Rosana. Para além dos cacos: A arqueologia Histórica a partir de três superartefatos (estudo de casos de três igrejas jesuítas). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 6, n.1, p.71-91, jan. –abr. 2011.
- OLIVEIRA, Cristian Dennys Monteiro de. **Patrimônio religioso em erradiação: monumentos à mobilidade humana contra o monstro do esquecimento**. *Ateliê Geográfico – Goiânia – GO*, v. 8, n.3, p.150-172, dez, 2014.
- OOSTERBEEK, Luiz. **Arqueologia, patrimônio e gestão do território**. Erechim: Habilis, 2007.
- PASTRO, Claudio; TAVARES, André. Iconografia como expressão da fé. In: MARIANI, Ceci Baptista; VILHENA, Maria Angela. (org.) **Teologia e Arte**: expressões de transcendências, caminho de renovação. São Paulo: Paulinas 2001. Coleção teologia na universidade.
- PIRES , Mário Jorge. **Lazer e Turismo Cultural**. São Paulo: Manole, 2001.
- ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. 2. Ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.
- SANTOS, Cecília Rodrigues dos. **Novas Fronteiras e novos pactos para o patrimônio cultural**. Guia Cultural do Estado de São Paulo (Fundação Seade e Secretaria da Cultura do Estado, 2001).
- SANTOS, Nadja Ferreira. **Entre arquitetura e arqueologia na preservação do Patrimônio Cultural urbano**. Dissertação de Mestrado em memória social e Patrimônio Cultural. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2009.
- SANTOS, Raquel. **Arqueologia da Arquitetura: Olhar paredes, ver vivências**. Ver. Arqueologia Pública. Campinas SP. V.9, nº. 1(11), p.60-72, Jan-Jun/2015.

SILVA, Paulo Sérgio da, **O registro do patrimônio cultural imaterial e o inventário de bens culturais: as práticas do IPHAN e do IEPHA/MG**. XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social. Natal – RN – 22 a 26 de julho de 2013.

SOFFIM, Antônio José. **Manacapuru: um pouco de sua realidade**, 1978.

SOFFIM, Antônio José. **Origem e Evolução**. 1978.

TIRELLO, R. A. **Registro do patrimônio arquitetônico com tecnologia multimídia: uma possibilidade de estudo crítico e restauro eletrônico de bens culturais**. In: EREG 2006 – Encontro Regional de Expressão Gráfica, 5.2006, Salvador. Anais. Salvador EREG, 2006.

TIRELLO, R. A. **A Arqueologia da arquitetura: um modo de entender e consertar edifícios históricos**. Revista CPC, São Paulo, n.3,p.145-165, Nov. 2006/abr.2007

SCHMITZ, Pedro Ignácio. Arqueologia - Periódicos. I. Brasil. Sociedade de Arqueologia Brasileira. **O Patrimônio arqueológico brasileiro. Revista de arqueologia**. Ed. Semestral. Rio de Janeiro, 1988.

VERGARA, S. C. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2004.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração** – 9º. ed. – São Paulo: Atlas, 2007.

WILGES, Irineu, **Cultura religiosa as religiões no mundo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.